

Wesley Barbosa

# Parágrafos fúnebres

**FICÇÕES**

Copyright © Wesley Barbosa

*Projeto gráfico e capa* Alonso Alvarez

*Revisão* Milton Camargo Mota

*Foto das letras* Marlene Bergamo

*Letras da capa* Moisés Wellington Ventura

*Foto da capa* Fotosearch

Grafia segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Barbosa, Wesley

Parágrafos fúnebres / Wesley Barbosa. -- 1. ed. --  
São Paulo : Ficções Editora, 2020.

ISBN 978-65-87622-01-9

1. Coronavírus (COVID-19) - Pandemia 2. Ficção  
brasileira I. Título.

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

2020

Direitos de publicação reservados à

**FICÇÕES EDITORA LTDA.**

rua Corrêa Galvão, 57

01547-010 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 5837-5959

[www.ficcoes.com.br](http://www.ficcoes.com.br)

[editora@ficcoes.com.br](mailto:editora@ficcoes.com.br)

## Sumário

Apresentação, 7

**O longo luto da noite que não termina**

*Mario Bortolloto*

**2020**

5 de abril, 13

8 de abril, 16

9 de abril, 18

15 de abril, 21

17 de abril, 22

19 de abril, 23

22 de abril, 25

30 de abril, 27

1 de maio, 30

2 de maio, 32

3 de maio, 34

4 de maio, 35

5 de maio, 36

6 de maio, 37

7 de maio, 40

8 de maio, 42

10 de maio, 44

Sobre o autor, 51



## O longo luto da noite que não termina

Se uma lufada de vento frio invadissem sua cela, seria como se sussurrasse em seu ouvido que nada vai ficar bem, por mais que se consiga acertar as orações. A longa fila de cadáveres arrastados para a enfermaria e a ameaça constante como um abutre sinistro voando sobre o pátio. Uma epidemia predatória e implacável. Wesley escreve como se incitasse aos condenados que façam a última oração para que suas almas atravessem o pátio, escalem os muros e como se aproveitando do indulto derradeiro lhes fosse permitido sobrevoar a cidade com suas fitas negras nos calcanhares e moedas sobre os olhos. Essa é uma narrativa crua e visceral sobre um dos

tantos que se julgam intocáveis e não contam com aqueles segundos em que tomam a decisão equivocada que pode lhes custar toda uma vida. Aquele momento em que você dobra a esquina errada. Essa não é uma narrativa sobre expiação. É apenas a cruel constatação de que não há placas indicando o caminho de volta e se Deus existir, Ele não parece disposto a aliviar a pena. Resta apenas rezar, mesmo que em dúvida, pela fila dos homens enlutados abandonados a implacável má sorte, esperando que o dia venha com uma mísera mensagem de esperança.

*Mário Bortolotto*

Um cão uiva na casa ao lado. Minha avó dizia que era prenúncio de morte. As casas, todas vazias, estão cobertas pela escuridão. Alguém deve estar fazendo amor nesse momento, acordado, chorando, talvez pensando em como seja a segunda-feira. Vou até a cozinha e esquento um pouco de café. Faz tempo que não fumo cigarro, mas cairia bem agora. Eu olhando pela janela, a xícara fumegante e a brasa firme, queimando meus dedos.

*Wesley Barbosa*



me reconheço  
chegar lá no  
tudo acho belácho  
chaca na mente  
e uma palavra  
disse, blá  
de que lá de  
e eu e  
dormir e  
que tem, u  
ta e outro  
o incomodo  
empire se de  
alberto o outro  
lo esta mais  
Cacha vly tem  
o vly enganado  
se vly no  
Os Carcereiros  
e todos nós.  
mos a visita dos  
n que não podemos  
m. Os desgraçados  
je engan dentro  
s não temos  
chisso apenas  
le bado.

2020



5 de abril

Começo a escrever este relato pensando na senhora, minha mãe, a única que em dez anos veio me visitar. Tenho saudades do seu sorriso, da sua voz, das broncas, do seu olhar e dos seus braços me acolhendo nas noites em que eu chegava lá no nosso barraco tumultuando, bêbado, cheio de droga e cachaça na mente, mas, ainda assim, uma palavra que a senhora me desse, dona Maria, me tirava daquela depressão. Todas as vezes que eu acordo, na verdade nem dormir direito dá pra dormir aqui, tem um pé na minha boca, outro na minha bunda... O incômodo é grande e desde sempre se dorme com um olho aberto e o outro fechado.

Agora tudo está mais difícil: a comida cada vez pior, tem gosto de barro e de vez em quando até encontramos perna de barata no meio do arroz! Os carcereiros parecem indiferentes a

todos nós. Quando perguntamos sobre a visita dos advogados, eles dizem que não podemos receber mais ninguém. Os desgraçados sabem que a doença já chegou dentro da cadeia, mas nós não temos notícia de nada disso, apenas um preso ou outro é levado para a enfermaria e não volta mais. Aos montes estão morrendo os encarcerados por aqui, e andam dizendo que os sintomas dessa doença dos infernos podem ser traiçoeiros. Ainda assim, tem presidiário olhando pelos cantos dos olhos. Eu não vacilo nunca, nem baixo a guarda, tenho vontade de viver. Ver o meu filho seria tudo para mim nesse momento, como ele está, dona Maria? Ele ainda vai para a escola? Continua se parecendo comigo? Da última vez que eu vi o meu filho, ele tinha cinco anos, agora deve estar com quinze. E eu ainda me lembro dele como um menino levado que nem o pai. Diga ao Miguel que eu o amo muito, mãe, não se esqueça de dizer isso ao meu filho, ele não tem culpa de ter um pai desses. Na verdade, tem um cara na minha cela, o Juarez, que vive falando sobre arrepen-

dimento, da volta do senhor Jesus Cristo, dessas coisas que a senhora mesma vivia me falando, lembra? Então... Ele é quem está me ajudando a escrever este relato. Enquanto lê a Bíblia, de vez em quando olha para mim balançando a cabeça, como que dizendo para eu continuar a ter fé. Ele já está aqui há mais tempo que eu. Aprendeu a ler na prisão também, se converteu e converteu muitos companheiros de cela ao longo desses dez anos. O Juarez é gente boa, se a senhora soubesse o proceder do homem, iria gostar de ele estar sendo a minha companhia aqui dentro. Ele me faz lembrar o meu pai, nunca falei isso pra ele, mas me traz a lembrança do velho, lá com o jeito caladão dele. É uma pena que na época em que fui preso o meu pai não tivesse vindo me visitar! Porra! O senhor Nelson deve ter morrido de desgosto, como a senhora mesma disse, mas é claro que me arrependo de ter feito com que ele passasse por isso também, aquele dia apontando a pistola para a sua cara, injuriado como o diabo, meus olhos não eram meus, me perdoa mãe, por favor, me perdoa!